

# O nacionalismo de Rocha Peixoto

Relembrou-se há dias, bem justa e comovidamente, Rocha Peixoto, quando por iniciativa da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, seus restos mortais foram trasladados para um mausoléu mandado construir por aquela entidade no cemitério da simpática e valorosa terra poveira, onde ele já repousava em morada que mãos amigas ofereceram ao seu eterno descanso.

A palavra de Manuel Monteiro, verdadeiro mestre da história da Arte Nacional, exaltou sua egrégia figura, junto do povo que se comprime à volta do jazigo, e que então melhor atingiu por essa voz autorizada, o que ela foi e é na cultura portuguesa. Essa boa gente, com suas bandeiras representativas, tem a intuição do valor, do prestígio de Rocha Peixoto, mas, naturalmente, desconhece a sua obra, como a maioria dos portugueses a ignora, por se encontrar avulsa, dispersa pelos jornais e revistas de há meio século, com alguns artigos reunidos em livro, também, pode dizer-se, esquecido. Mas bem sabia que se tratava de um poveiro ilustre.

Não erraremos ao julgar Rocha Peixoto enquadrado no movimento que os «Vencidos da Vida» iniciaram, epigono, portanto da grande geração a que pertenceu Ramalho Ortigão (1836-1915). Eça de Queiroz (1845-1900) e Oliveira Martins (1845-1894). Lembremos, com Manuel Gato, que a «entrada de Março de 1888 estava de fresco o título «Vencidos da Vida», cujo melhor período decorreu desde aquele ano até 1891». Ora em 1888 tinha Rocha Peixoto 22 anos, e cá pelo Norte o escol da mocidade, onde ele enquadrava, despertava o meio académico num anseio de realizações, de vastos e generosos programas que pretendiam arrancar o país da sua «apagada e vil» existência, marasmado no seu isolamento, perdida a consciência do que era e do que valia, liquidado por uma política sem rumo, inculco e pedinte... Estava a perder-se tudo, das tradições, da história ao próprio património nacional, dia a dia defraudado ou obliterado.

Essa gente moça preparava, sem talvez dar por isso, uma revolução. As palavras que proferia era de insatisfeita, de inconformismo ou radical protesto, mas havia a notar-se-lhe, acima da rebeldia, não um nihilismo mortífero mas um construtivismo que a cumprir-se levantaria a Nação. De Julho de 1887, data o início da «Sociedade Carlos Ribeiro», então delineada aqui no Porto por alguns jovens de talento como Fonseca Cardoso, Ricardo Severo, Xavier Pinheiro, João Barreira — ainda, felizmente, vivo — e Rocha Peixoto.

A primeira campanha lançada num panfleto exaltado, mas justo e pensado, de Rocha Peixoto, focava a situação vergonhosa do Museu Municipal, instalado num prédio da R. da Restauração, onde a esmo, sem critério, se acumulavam boas e más coisas: quadros, estátuas de valor, colecções de aranhas, de estrélas do mar, pintasilgos, amostras geológicas e... cabelos de Inês de Castro, José Calzas, Basílio Teles, Eduardo de Sousa, vieram juntar-se ao sinéurio, clamando também o seu protesto.

Nas reuniões, ao «Moimho do Vento», levantavam-se calorosas polémicas e esboçavam-se planos reformadores. Verdadeiros intelectuais, esses rapazes, preparavam trabalhos a sério nos diferentes sectores da cultura. O seu «rubro jacobinismo» era iluminado por um grande culto nacionalista. Tinham seus ágapes entusiásticos a que se associaram também outros nomes como Hamilton de Araújo, António Nobre, Alexandre Braga, Alvarenga — que eu conheci ainda na Biblioteca Municipal do Porto, tão amigo dos estudantes que o consultavam — Adolfo Portela, Costa Carregal, António Arroyo, Teixeira Lopes...

Que série extraordinária, pois repare-se que valores não se destacam nesta mocidade que mais tarde, pela vida tora, tão nobremente cumpriu! Pelas paredes ou sala onde reuniam viam-se alegorias — uma guilhotina a decepar cabeças — liam-

se os nomes de Marat e de outros revolucionários. Acendiam-se vivas discussões não só políticas, mas literárias e filosóficas.

Certa vez António Nobre insurgira-se contra a demagogia, mas logo uma acalorada oposição defendia a igualdade e a fraternidade.

E, à maneira romana, projectavam, quando a Pátria se encontrasse redimida, grandes festas públicas, ali... na Boavista, na rotunda transformada em «Forum», com banquetes opíparos... Mas não ficaram em palavras e em projectos os generosos moços: organizaram excursões, visitas de estudo arqueológicas: «ia-se equipado de geólogo, martelos pendentes, cinturão...» E com indumentária própria e sugestiva demandaram alturas, as serras, os cimos dos montes onde se alcançavam os castros e as citânias... quando ainda não conheciam o «patriarca» Martins Sarmento, o venerando sábio que pôs o seu saber e a sua fortuna ao serviço da grande causa arqueológica. E faziam simultaneamente etnografia, estudando o «folclore», as artes, as indús-

trias regionais... Que salutar exemplo para os novos de hoje tão inspirada campanha de resgate, a destes bons revolucionários que na sua esfera de acção ainda abrangiam a política colonial, querendo que se reatasse o pensamento do Infante. Ainda lançaram, em 1889, uma revista, com este mesmo espírito construtivo, onde, com Basílio Teles, se lamentava a falta no país de correntes de investigação, o trabalho dispersivo, as curiosidades e os virtuosismos sábios.

Não se perdeu a campanha desta «colina inspirada». Veremos como frutificou mais tarde, com Rocha Peixoto e outros companheiros que constituiram uma das vanguardas mais apetrechadas para o bom combate nacionalista.

AARÃO DE LACERDA

N. da R. — O magnífico artigo que publicamos acima subscrito pelo eminente escritor de arte sr. dr. Aarão de Lacerda, de homenagem à memória do erudito e saudoso poveiro Rocha Peixoto, é transcrito do «Comércio do Porto» de 9 do corrente.

## A propósito da

# P a z

Na sua reunião de 9 do corrente, a Câmara Municipal deste concelho deliberou exarar na acta um ardente e entusiástico voto de regosio por haver terminado, na Europa, a guerra cruel, horrenda, calamitosa, que, durante cerca de seis anos causou o maior desgaste em vidas e bens materiais; que vitimou milhões de homens, mulheres e crianças, arrasou monumentos, devastou cidades e campos, espalhou a miséria e a fome.

Mais deliberou que se consignasse na acta o seu desejo vivo de que se estabelecesse uma paz justa e digna, sólida e duradoura, para bem da Humanidade, e ainda a profunda gratidão aos dirigentes da Nação por terem conservado Portugal, até ao fim, dentro de uma absoluta neutralidade, sem quebra da honra e da dignidade nacional.

No edifício municipal esteve hasteada a Bandeira Nacional, de dia e de noite, nos primeiros dias após a rendição da Alemanha e na primeira noite esteve iluminada a fachada principal. O mesmo se verificou em muitos edifícios particulares, que hasteram a Bandeira Nacional com as das bandeiras das Nações Unidas.

**DOENÇAS DOS OLHOS**  
**DR. E. CAMPOS COSTA**  
com prática no Instituto do Dr. Gama Pinto e nos Hospitais de Paris  
Consultas das 14 ds 17 horas, excepto aos domingos.

## Em Argivai

Na quinta-feira realizou-se, na pitoresca freguesia de Argivai, deste concelho, a antiga festividade romaria do Senhor dos Milagres, com o concurso das afamadas bandas de Freamunde e Gueifães da Maia.

Verificamos que naquela freguesia se vem fazendo alguns melhoramentos que se impõem pela sua necessidade. Agora, junto à igreja paroquial, foi o recinto belamente ampliado, tendo sido gastos, com esse melhoramento, alguns contos. Neste progresso de Argivai tem tido papel preponderante o nosso amigo sr. Manuel Ferreira da Silva, sempre muito activo e dedicado aos interesses da sua freguesia.

## Repartição Técnica

Ao lugar de chefe da Repartição Técnica da nossa Câmara Municipal, vago desde Dezembro último, em virtude do pedido de demissão do sr. Eng. Manuel José Moreira, concorreram nove candidatos com o curso de agente técnico do Instituto Industrial do Porto.

O processo corre os seus termos regulamentares até resolução final.

## POLÍCIA

Foi aumentado e melhorado o corpo da polícia municipal, constituído, nos termos do Código Administrativo para fiscalizar o cumprimento de posturas e regulamentos policiaes e coadjuvar a Autoridade no exercício das suas funções.

Há muito se fazia sentir a necessidade desta remodelação e melhoria para repressão de abusos e transgressões insuportáveis, como a criminoso quebra dos globos da iluminação pública, jôgo da bola nas ruas, depósito de lixo nas vias, largos e praças, etc.

Muito bem andou o sr. Presidente da Câmara tomando esta iniciativa com a qual muito há-de contribuir para que a nossa terra apresente aquele aspecto de civilização a que não pode nem deve fugir.

## As estradas nacionais

que atravessam a Póvoa, devem passar novamente à posse da

# NOSSA CAMARA

E' do conhecimento de toda a gente que qualquer proprietário confrontante com as estradas nacionais dentro da vila — neste caso as Ruas Almirante Reis, Paulo Barreto, Praça Marques de Pombal, Rua Gomes Amorim e Rua da Cidade do Porto — não podem aformosear, reformar ou aumentar os seus prédios sem uma licença do Ministério das Obras Públicas.

Claro que estas licenças obrigam logo a requerimentos feitos em papel selado, selos, depósito de garantia na Caixa Geral de Depósitos e demais formalidades que não enumeramos não contando já com o tempo que leva a deferir estes requerimentos, tudo isto faz com que muita gente não melhore os seus prédios existentes naquelas ruas e que outros não construam como seria seu desejo.

Com isto perde muito a fisionomia da nossa terra e deixam de ter trabalho as construções civis.

Parece que este mal é de fácil remédio segundo nos informam. Basta que a nossa Câmara, a exemplo do que já fez a da nossa vizinha Vila do Conde se proponha mandar fazer o levantamento topográfico das Estradas Nacionais dentro da vila, enviando-o ao Ministério das Obras Públicas com um plano de alinhamento julgado conveniente para aprovação. Esse plano não deixará de ser aprovado pelo Ministro daquela pasta e assim terminarão de vez as pelias burocráticas agora existentes e os confrontantes daquelas ruas quando necessitem de fazer quaisquer reparos nos seus prédios não terão mais que fazer um simples requerimento à Câmara.

Dizem-nos que o sr. dr. Carlos Moreira pretendeu construir um prédio na Rua da Cidade do Porto mas foram tantos e tão grandes os obstáculos que lhe surgiram que este nosso

## Concurso do Vestido de Chita

A exemplo do que já foi feito no ano passado, teremos novamente no próximo mês o «Concurso Nacional do Vestido de Chita», organização do nosso estimado colega portuense «Jornal de Notícias».

A nossa terra não vai ficar indiferente ao Concurso do Vestido de Chita, e assim muitas das nossas gentis poveirinhas já vão idealizando a confecção do seu vestido de chita e tôdas, à compita, irão pôr à prova o seu fino gôsto, artístico na mira do 1.º prémio.

O nosso amigo Mário Vieira, correspondente na Póvoa do «Jornal de Notícias», está empregando os seus esforços para que a Póvoa marque no Concurso o seu lugar. E há de marcar.

## Acabou a guerra

A «LIVRARIA ACADEMICA» prepara-se desde já para nos próximos meses recomendar a vender todos os artigos Americanos e Ingleses referentes a Rádios e acessórios, máquinas, rolos, artigos fotograficos, etc. do mais recente fabrico e da melhor qualidade.

## Limpeza pública

A Câmara Municipal acaba de imprimir nova feição aos serviços de limpeza pública, de molde a deles tirar os melhores resultados.

Estabeleceu uma brigada de homens e mulheres, uniformemente vestidos de fatos iguais, próprios para a limpeza e aumentou o número do pessoal empregado nestes serviços.

Também adquiriu mais carros e substituiu as vassouras de giestas até agora empregadas por vassouras de piassaba, largas, do modelo dos adoptados pelos Serviços de Limpeza do Porto.

Regosijamos com esta remodelação, da qual muito vai lucrar a Póvoa aos nossos olhos e aos dos nossos visitantes.

Nada impressiona melhor do que ver-se a vila limpa e asseada.

Precliso é que o público corresponda aos esforços da Câmara, evitando quanto possa lançar sujidades para as ruas.

## Barbearia

bem situada e afreguesada. Passa-se Informa-se nesta redacção.

ex.ºo cõnterrâneo tem suspenso até mais tarde o seu desejo. Trata-se dum caso, quanto a nós, de grande interesse para a nossa Terra, o que acima apontamos. Para êle chamamos a atenção da nossa Câmara, confiados em que o seu digno presidente não deixará de o estudar ponderadamente no sentido de ver satisfeita uma das maiores aspirações dos inúmeros confrontantes daquelas artérias, e até da Póvoa que muito seria beneficiada. Aguardemos e saibamos esperar.

**DR. M. CARRIDO VIANA**  
MEDICO  
CLINICA GERAL  
Consultório e residência:  
Rua Paulo Barreto, 6  
Telefone, 137

## Manifestações em Lisboa

Para a Capital, seguiu, ontem, o sr. João Pedro da Silveira Campos, Presidente do nosso Município, acompanhado por membros da Câmara e do Conselho Municipal, dos Grêmios da Lavoura e do Comércio e por outras pessoas de representação do nosso meio, a fim de tomar parte nas manifestações que hoje teem lugar em testemunho de regosio pelo restabelecimento da paz na Europa e pela vitória das Nações Aliadas e em homenagem de reconhecimento aos Chefes do Estado e do Governo.

A Póvoa de Varzim marcará pelo número e qualidade da sua representação, levando à frente o sr. Presidente e o Esquadante da Câmara Municipal.

Nesta vila serão retransmitidos os actos solenes de Li. boa por alto-falantes. Também será hasteada a Bandeira Nacional nos Paços do Concelho, que terão iluminada, à noite, a sua fachada principal.

**TERRENO** Vende-se na Rua Almeida Brandão. Falar na mesma rua, n.º 7.

## Eroquis

INFORMAM as agencias telegráficas, que madame Roosevelt, pediu ao presidente Truman para aceitar a presidência de uma comissão de honra, que vai erigir um monumento em memória do falecido Presidente.

A sr.ª Roosevelt, manifestou no entanto o seu desejo, na construção duma grande Casa de Saúde, em substituição do monumento.

A comissão organizadora desta homenagem ao que em vida foi um insigne Estadista, acedeu aos desejos da sr.ª Roosevelt.

A convite do governo inglês, partiram para a Alemanha alguns jornalistas portugueses, que foram visitar os Campos de concentração dos nacionais-socialistas. Tôdas as torturas que foram ali praticadas a milhares de pessoas, deverão ser descritas pelos representantes da nossa imprensa, que se encontram de visita a esses Campos da Morte.

Os jornais ingleses, descrevem cenas horrôssas ali cometidas, que são impróprias de países civilizados.

Que o ódio e a traição desapareçam duma vez para sempre do coração dos homens, são os ardentes votos que fazemos.

A. CASTRO

## O dia do descobrimento do BRASIL

visto por um escritor brasileiro

O Dr. Augusto Cezário Alvim, Delegado do D. I. P. junto do S. N. I. escreveu as seguintes palavras a propósito da data do descobrimento do Brasil:

«Na passagem de mais uma comemoração do aniversário do descobrimento do Brasil, optez-me, ainda uma vez, manifestar, em solo português, a minha gratidão de brasileiro a todos os lusitanos que, desde aquela remota manhã de 1500, têm sonhado, pelezado e trabalhado pela antiga colônia e pela nação que se integrou conscientemente na vida tumultuosa e no destino grandioso da civilização occidental.

Se o achamento da Terra de Vera-Cruz fosse um mero facto histórico, ter-se ia sepultado nos páginas dos anais e dos tratados, na reminiscência das folhinhas. Mas como aquela ancoragem da armada de Pedro Alvares Cabral significava mais o ponto de partida de uma grande empresa social do que a meta atingida de uma árdua epopéia geográfica, a sua lição deve ser permanente e o seu exemplo tem a força cotidiana. O descobrimento de uma região vasta, fértil e rica, habitada, naquela aurora do século XVI, por nativos que formaram, com os vossos e com os nossos antepassados, as células iniciais desse povo de quarenta e cinco milhões de criaturas: entre as quais conta-se hoje um milhão de portugueses, não foi apenas um acontecimento de há quasi quatro séculos e meio — é, deve ser sempre, um acto presente da inteligência e da sensibilidade de todos os portugueses.

Hoje, como no tempo das caravelas quinhentistas, o Brasil está dentro do universo espiritual semeado pela fé e pela coragem dos navegadores a apóstolos que as águas do Tejo lançaram «por mares nunca dantes navegados».

Como os nossos avoengos de 1500, fazamos hoje o português, «fojelhamo nos sob a Cruz de Cristo» e proçafamos, através dos convívios humanos, a comanhão fraternal, a compreensão inteligente, a solidariedade ecuménica de tôdas as citânias de «boa vontade».

E' pots direito e dever, de cada português, renovar hoje e sempre, com amor e curiosidade, o descobrimento daquele país e daquele povo que têm sempre um progresso material a revelar e uma mensagem espiritual a transmitir.

Para vós portugueses, descobrir o Brasil e os brasileiros é também uma forma de vos descobrirem a vós mesmos».

## Desastre

Na cidade do Porto, cruzamento da rua de Santa Catarina, 31 de Janeiro e Batalha, chocaram-se um carro eléctrico e uma camioneta que ia para Fátima, levando alguns poveiros. Do desastre ficaram ligeiramente feridas a esposa e enteada do sr. Júlio Dias, ficando ileso este nosso amigo. A camioneta seguiu depois o seu destino por o desastre não ter tido consequências de maior.